

Occursus
Revista de Filosofia

**SEMÂNTICA FILOSÓFICA: DIÁLOGO ENTRE FREGE E WITTGENSTEIN,
A PARTIR DAS OBRAS *SOBRE O SENTIDO E A REFERÊNCIA E TRACTATUS***

Edivaldo Simão Freitas¹

Resumo: Este trabalho é uma tentativa de fazer uma exposição acerca da Semântica filosófica. Perpassaremos desde os estudos que deram origem à reviravolta linguística na Filosofia da linguagem, com Frege e Wittgenstein, embora se saiba que houvera outros pensadores (Russell, Carnap e Quine) também participantes desse movimento: fazendo surgir uma das vertentes metodológicas analíticas denominada de *Filosofia da Linguagem Ideal*. Aqui frisaremos apenas as discussões teóricas apresentadas por Frege e Wittgenstein, tentando culminar num diálogo que possa apresentar um esboço de seus pensamentos.

Palavras-chaves: Frege, Wittgenstein, Semântica, Significado.

**PHILOSOPHICAL SEMANTIC: DIALOGUE BETWEEN FREGE AND
WITTGENSTEIN, FROM THE WORKS *ON THE SENSE AND THE
REFERENCE AND TRACTATUS***

Abstract: This work is an attempt to make a presentation about the philosophical semantics. We will run through the studies which led to the linguistic turn in the language philosophy, with Frege and Wittgenstein, although it is known that there have been other thinkers (Russell, Carnap and Quine) who also took part of this movement: making emerge one of the analytical methodological aspects called *Philosophy of the Ideal language*. Here we will highlight only theoretical discussions presented by Frege and Wittgenstein, trying to culminate in a dialogue able to present an outline of his thoughts.

Key-words: Frege, Wittgenstein, Semantics, Meaning.

¹ Mestrando em Filosofia – UFC. Bolsista da CAPES. Graduado em Letras (2011) e Filosofia (2015) – UFC. Graduando em Artes Visuais – UECE. E-mail: edyinaudivel@hotmail.com.

1. INTRODUÇÃO

A semântica filosófica goza de grande prestígio entre os pensadores analíticos. Embora se perceba uma distinção de parâmetros metodológicos entre linguistas e filósofos, é coerente afirmar que ambos se debruçam constantemente em torno da temática deste artigo: a semântica.

Mais precisamente, será objetivo deste artigo expor um esboço acerca da semântica filosófica, visto que nossa justificativa sobre a reflexão da noção significado se dá pela relevância que os filósofos Frege e Wittgenstein alavancaram em torno dele. Daí que com suas teorias eles puderam dar origem ao que se conhece hoje na filosofia analítica como movimento da reviravolta linguística.

2. SEMÂNTICA FILOSÓFICA: FREGE E WITTGENSTEIN

2.1 - A contribuição de Frege: teoria da referência

Quando nos referimos a grandes contribuições durante o século XX à filosofia da linguagem, bem como aos campos da lógica, e sem esquecer a teoria do significado ou semântica, é inquestionável o legado deixado por Frege. E como assunto central e elementar de nossa discussão aqui nos cabe referi-lo como um pensador que incluiu o problema do significado no campo da linguagem natural a partir de suas tentativas de delimitar e formalizar uma teoria linguística-lógica, objetivando descartar todas as dificuldades e/ou problemas que se engendram por conta de seu conteúdo vago, polissêmico, ambíguo e eivado de imprecisão.

Nossa reflexão tomará por base sua obra denominada *Sobre o Sentido e a Referência* (SSR) (1892). Tal obra é vista por muitos estudiosos da linguagem, como marco deixado à posteridade, no que se refere ao âmbito dos estudos semânticos. Fato é que Frege realmente não postulou uma teoria do significado, ele não se preocupou em formular um tratado de semântica, analisando a estrutura e o funcionamento da linguagem como foco, mas antes como afirma Filho (2008, p. 17) buscou entender as modificações na linguagem formal utilizada na realização do projeto ao qual ele (Frege) dedicou praticamente toda sua carreira acadêmica, a saber, provar que a matemática é um ramo da lógica.

Embora Frege não viesse deveras a formular uma teoria semântica, suas problematizações na *SSR* nos encaminham à uma fundamentação teórica sobre a noção de significado em torno do sentido e da referência, fazendo dele um filósofo que discorre acerca do que circunda a linguagem. E o que se tentará aqui é apresentar de forma objetiva e clara o que Frege teorizou acerca do significado / significação, sendo assim, por meio da distinção entre sentido e referência (*Bedeutung*²) poderemos compreender sua teoria semântica.

Frege inicia sua teoria expondo a problemática acerca da natureza da identidade e/ou a relação entre diferentes objetos poderem ser denominados por um mesmo termo, nome ou sinal. Daí se seguirá a discussão acerca do sentido e referência, que em si norteará a noção de significado aqui em voga.

A distinção entre esses termos (referência / sentido) é elementar para a compreensão que constitui o âmago de sua semântica lógica. Denomina-se referência aquilo que é representado pelo sinal, isto é, o próprio objeto, e Frege caracteriza o sentido como o modo ou a maneira como esse objeto se manifesta. Veja-se então a partir dessa distinção terminológica o que Frege apresenta acerca dos *nomes próprios* e *enunciados (frases)*. Os *nomes próprios* apresentam duas funções semânticas: eles fazem referência a um objeto e exprimem um sentido. Observemos o exemplo de Frege sobre o planeta Vênus, nas expressões “estrela da manhã” e “estrela da tarde” a referência é a mesma, embora haja diversidade quanto ao sentido, estes fazem referência ao objeto. E em analogia com os *nomes próprios*, Frege também admitirá duas funções semânticas aos *enunciados (frases)*, em outras palavras, os enunciados (frases), também fazem referência e têm sentido (que é seu pensamento ou conteúdo proposicional).

Perceba-se o leitor que é o conceito de referência que cumpre o papel de valor de verdade (ou valor semântico) dos enunciados da linguagem formal de Frege. Daí que ele irá concluir que a referência (o valor semântico) de uma sentença é o seu valor de verdade. Veja-se o enunciado (frase): “A estrela da manhã é um corpo iluminado pelo sol”, aqui, se uma frase faz referência a um objeto, então este mesmo não pode ser mudado quando no enunciado substituirmos um nome por outro que tem a mesma referência, embora sentido diferente. E como assevera Filho:

² Como afirma Giarolo em seu artigo *Frege, Grice e o conceito de significado*: “A tradução do conceito de *Bedeutung* é bastante problemática. O sentido primordial de tal termo em alemão é *significado*, contudo, a exegese do texto fregeano aproxima tal conceito da noção técnica de *referência*.” (pág 4, 2012)

Occursus

Revista de Filosofia

O argumento em que Frege defende a tese de que a referência de uma sentença é o seu valor de verdade se divide em três passos: (i) Frege descarta o pensamento como referência de sentenças; (ii) Frege conclui que sentenças têm referência; e (iii) Frege conclui que a referência de uma sentença é o seu valor de verdade (FILHO, 2008, p.13).

Quanto ao primeiro argumento, veja-se estas duas sentenças: *A Estrela da manhã é um corpo iluminado pelo sol / A estrela da tarde é um corpo iluminado pelo sol*. Se o pensamento fosse realmente referência, não seria de todo falso admitir que ambas proposições poderiam expressar o mesmo pensamento, contudo Frege já dantes demonstrara que nomes próprios podem ter mesma referência, contudo sentidos diferentes, ou seja, pensamentos diferentes. E como bem assere Oliveira (1996) em seu livro, *Reviravolta Linguístico-pragmática na filosofia contemporânea*:

O pensamento (a proposição) se muda, quando é mudado o sentido de expressões que são partes da sentença, enquanto a denotação³ permanece a mesma. A denotação de uma frase depende, portanto, unicamente, da denotação dos nomes próprios nela contidos e não de seu sentido. Daí por que o pensamento não pode ser a denotação de uma frase, mas é seu sentido. A proposição ou, como diz Frege, o pensamento é sentido de uma frase (OLIVEIRA, 1996, p.64).

Frege dá o seguinte exemplo: *Ulisses foi desembarcado profundamente adormecido em Ítaca*. Do ponto de vista de uma investigação científica, tal frase não tem valor de verdade, porque Ulisses é um mero personagem de Homero, poeta grego. A sentença expressa um pensamento (i.e. tem um sentido), mas não tem referência. É uma sentença da ficção, e, nesse caso, nos interessa apenas o sentido. No entanto quando se trata de uma investigação científica, as sentenças têm algo a mais: todas as suas partes têm referência e a sentença completa tem um valor de verdade. Com o que fora dito podemos concluir os dois outros argumentos. Vejamos em suas palavras:

O fato de que nos preocupamos com a referência de uma parte da sentença indica que admitimos e exigimos uma referência para a própria sentença. O pensamento perde valor para nós tão logo reconhecemos que a referência de uma de suas partes está faltando. Estamos assim justificados por não ficarmos satisfeitos apenas com o sentido de uma sentença, sendo assim levados a perguntar também por sua referência. Mas por que queremos que cada nome próprio tenha não apenas um sentido, mas também uma referência? Por que o

³ Oliveira usa esse termo no lugar de referência.

pensamento não nos é suficiente? Porque estamos preocupados com seu valor de verdade. (FREGE, 2009, p. 138)

É interessante ainda frisar o que conclui Moreira em seu artigo *Sentido nas perspectivas de Frege e de Wittgenstein (2011)*:

A lógica estabelece regras sintáticas que determinam as sentenças bem formadas. Essas, quando bem construídas sintaticamente, contêm um sentido, que Frege denomina como pensamento. Desse modo, o pensamento é uma exigência mínima para todo e qualquer discurso. É porque tem sentido que um discurso gera comunicação, possibilitando a interação linguística entre os indivíduos (MOREIRA, 2011, p. 6).

E diz-nos ainda que a distinção feita por Frege resulta num discurso que pode ou não exigir a referência, contudo todo discurso precisa de sentido. Como exemplo, vemos o caso dos discursos poéticos e científicos já mencionados pelo próprio Frege.

Mas há ainda um elemento a considerar na teoria de Frege: a Representação / ideia (*Vorstellung*). Em suma, só podemos falar de algo no mundo, de um objeto, dando-lhe uma descrição. Isso é o sentido. Mas o objeto permanece lá, e essa é a referência. E, no interior de cada consciência, os indivíduos farão representações (ou ideias) distintas desse objeto.

Portanto, quando Frege fala de representações ou ideias, ele está falando de impressões que os falantes têm acerca de um mesmo objeto referido, o que quer dizer que subjetivamente cada pessoa tem uma particular impressão acerca de algo, isto é, uma imagem interna, daí que a imagem é geralmente embebida em sentimentos e contingências, por isso nem sempre a mesma representação ou ideia é associada ao mesmo sentido, ainda que pra uma única pessoa. Portanto a representação ou ideia é subjetiva.

2.2 A contribuição de Wittgenstein: da ontologia à teoria afigurativa

Tem-se como momento da reviravolta linguística, juntamente com as obras de Frege e Russell, a publicação da obra aqui a ser discutida: *Tractatus Logico-Philosophicus*⁴. Emuitas são as indagações que giram em torno do *TLP*, concernentes ao

⁴ Como assere Marques (2005): “‘Tratado lógico filosófico’: o título em latim, sugerido pelo filósofo inglês G.E. Moore, foi adotado a partir da edição inglesa, de 1922”.

âmbito da linguagem. Entenda-se de antemão linguagem como um conjunto de propriedades elementares linguísticas – nomes, proposições – que combinados e estruturados entre si desencadeiam o processo de significação / significado, capazes de evocar outros objetos, e aos diversos contextos situacionais que engendram a realidade do mundo. E essas propriedades da linguagem possuem elementos que são comuns a todas elas, sendo um deles o caráter representativo, i. e., a capacidade de representar algo exterior a elas. Sendo assim, é necessário admitir duas condições: a) aquilo que representa deve distinguir-se daquilo que é representado, podendo deste modo discriminar o linguístico do não-linguístico; e b) entre o representante e o representado deve haver algo de semelhante.

Pertencerá à linguagem apenas os elementos linguísticos, e o que não for de caráter linguístico será deixado de lado. Essa condição pode ser compreendida de dois modos divergentes: o primeiro modo admite que as características da linguagem não são constituídas pelos elementos materiais (letras do alfabeto, símbolos), senão por um conjunto de funções, havendo de ter no ato representacional uma desigualdade entre a função do representante e a função do representado. Já o segundo modo: admite uma distinção em sua característica dos outros modos representacionais apontados anteriormente, como faz Wittgenstein no *TLP*: atribuir à representação linguística o caráter lógico (MORENO, 2000, p. 15). E como afirma Moreno (2000) à luz do *TLP*: “Podemos dizer, então que a linguagem é um conjunto de funções caracterizadas por sua natureza lógica.”.

Quanto à segunda condição para representatividade, i. e., ter que haver semelhança entre o representado e o representante, tal condição assevera que não pode haver relação representacional entre duas realidades totalmente distintas. Ela que nos proporciona o elemento comum entre todas as propriedades linguísticas, e esta com o conjunto dessas propriedades, i. e., o fenômeno linguístico (a linguagem) e o mundo, em sua completude. Desse modo, há de se ter dois âmbitos contextuais distintos, mas complementares, concatenados a esse elemento comum: a formulação ontológica, e a teoria da proposição ou da (a)figuração. Ou seja, quando analisamos a articulação interna do mundo e da linguagem e identificamos aquilo que há de comum aos dois âmbitos, isso nos oferece uma oportunidade de entender a relação de representação exercida pelo fenômeno linguístico. Veremos a seguir alguns traços gerais contitudísticos da obra, e conseqüentemente trataremos de por em questão a inter-

Occursus Revista de Filosofia

relação do âmbito ontológico com o linguístico para uma compreensão da teoria do significado no *TLP*.

Quanto ao que concerne à estrutura da obra, Wittgenstein de fato não estava preocupado em escrever um tratado. A estrutura do *TLP* assemelha-se a um emaranhado de aforismos, os quais estão concatenados mediante uma distribuição dos pensamentos, e são demarcados com numerações em ordem de reflexão. No entanto, é possível perceber que o autor engendrou, sem arbitrariedade, um peso lógico referente à importância que cada proposição tem dentro da obra. Pode-se destacar em ordem de importância as seguintes proposições: 1. O mundo é tudo que é o caso. / 2. O que é o caso, o fato, é o subsistir de estados de coisas. / 3. A figuração lógica dos fatos é o pensamento. / 4. O pensamento é a proposição com sentido. / 5. A proposição é uma função de verdade das proposições elementares. (A proposição elementar é uma função da verdade de si mesma.). / 6. A forma geral da função de verdade é: $[\rho, \xi, N(\xi)]$. Isso é a forma geral da proposição. / 7. Sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar.

As proposições recebem essa organização como forma de poder ajustar a reflexão da sequência de cada ponto filosófico. O livro em si, em linhas gerais está norteado da seguinte maneira: formulação de um princípio com fundamentações ontológicas, teoria da (a)figuração, que a partir daí resulta numa teoria de proposições, e por fim a natureza dessas mesmas no âmbito da lógica e matemática, desencadeando suas reflexões sobre o inefável (indizível) das proposições e o significativo mostrado por elas. (MARQUES, 2005, p. 11-14).

No *TLP* é concebida uma ontologia que é apresentada nos primeiros trechos aforismáticos, ou melhor dizendo, nas primeiras proposições (de 1 a 2.063). Tal ontologia passa a vir a ter afirmação filosófica mediante uma conformidade com a teoria da (a)figuração (esta a vir ser discutida mais a frente). E por conta de um paradigma da teoria do significado ou mais precisamente um modelo de abordagem semântica na obra, assevera-se que Wittgenstein nas primeiras assertivas propositivas objetiva formular propriedades metafísicas que caracterizam a realidade. Ao caracterizar a realidade, ele já prepara o caminho para explicar como é possível que proposições contenham um significado, isto é, um valor semântico, e possam ter um escopo de compreensão mediante uma apreensão do sentido expreso.

Wittgenstein nos apresenta o mundo e seus componentes, denominados de fatos, i. e., o que ocorre. Além disso, mostra que os fatos, por sua vez, são constituídos de objetos conectados, não separados em si e nem isolados um do outro. Todavia são os

fatos que constroem a realidade desse mundo, não os objetos que são ligados pela existência dessa conexão (os fatos). Esses elementos determinantes (fatos) que formam o mundo e permitem um acesso de comunicação a ele, são componentes estruturais complexos, diferentemente dos objetos que são componentes estruturais simples; ou seja, o mundo somente torna-se expresso e pensado por meio dos fatos, contudo a existência dele não quer dizer de um fato único e particular, mas o mundo é um conjunto de fatos particulares. Quer dizer: o fato, a possibilidade do estado de coisas, a conexão entre os objetos (coisas), são uma e única conceituação teórica elementar. Tais objetos compõem esse estados de coisas, e também determinam as ligações possíveis entre eles e os objetos, daí que “sem estados de coisas uma proposição poderia não ter sentido, ou seja, poderia não apresentar como as coisas estão na realidade caso fosse verdadeira” (CARMO, 2009, p. 25), e como bem assevera Moreira: “se na linguagem o que faz uma proposição ter ou não sentido é a concatenação de seus nomes, na ontologia o que faz um estado de coisas ser ou não ser um fato é a maneira como ele é constituído” (MOREIRA, 2009, p. 42). Essas são reflexões acerca do que está contido nos primeiras frases, que à primeira vista parecem um tanto místicas e enigmáticas, constituindo seus princípios para uma tese ontológica.

Como afirma Marques (2005), há outros princípios, ligados ao âmbito semântico ou da significação, que caminham em paralelo com os princípios ontológicos. Um deles assevera que nomes só possuem referência, i.e., denotação, quando ligados às proposições. Ou seja, como no mundo os objetos só possuem existência ligando-se a outros objetos por meio de outros elementos (nos fatos), também somente nomes ligados a outros nomes numa relação sintática no interior de um signo proposicional podem fazer referência às coisas. Ou seja, se nome e objeto compartilham um caráter lógico e funcional, poderá aqueles quando em coerência aos fundamentos sintáticos, os quais organizam sua forma, também garantir o sentido no interior do signo proposicional, pois “postular a possibilidade de signos simples é postular a determinabilidade do sentido”. Ou seja, o que confere a uma proposição ser constituída de significado, independente do fato correspondente ocorrer ou não, é a existência de elementos simples constitutivos de sentido.

Ao delimitarmos os traços limítrofes do discurso da significação / significado, paralelamente delimitamos os traços limítrofes do pensamento, tendo em mente que estes não são mais que discursos que contém elementos proposicionais significativos,

isto é, a própria linguagem é o instrumento de delimitação do pensamento. Constitui-se então o objetivo central do *TLP*.

O cerne do discurso tractariano consiste em determinar as pressuposições de possibilidade de constituição dessas proposições, que nos permita reconhecer o que há de comum entre elas. Se tal fato acontecer, pode-se afirmar que, em última instância pode-se conhecer a essência que constitui essas proposições, em outras palavras, determina-se os limites da linguagem, ou seja, daquilo que pode ser dito. E caso se possa alcançar os pressupostos que condicionam nosso conhecimento aos limites referentes ao fenômeno da linguagem bem como a essência das proposições internas a ela, assim também poderemos tornar explícito os traços limítrofes do significado dessa mesma linguagem no mundo. Daí que o sentido de uma frase não é conferido pela associação de sentido contido nos próprios termos linguísticos que a estruturam formalmente. Nome e palavra no *TLP* são uma coisa só, nomes formam enunciados proposicionais, palavras formam frases. Embora os nomes (palavras) não possam ter sentido, eles contêm denotação. Vejamos o que afirma Wittgenstein: “Só a proposição tem sentido, é só no contexto da proposição que um nome tem significado”. (§ 3.3).

Segundo Wittgenstein, a realidade é figurada pela proposição, isto é, a proposição contém em si mesma um paradigma da realidade (ou o mundo). Por isso é que elas são dotadas de sentido, porque representam e/ ou apresentam algo transcendente⁵, e quando compreendidas, torna-se claro sua possibilidade de delimitar e identificar aquilo a que se referem. Em outras palavras, ela projeta funcionalmente por meio de símbolos uma coisa referente qualquer, denotando-a com precisão, e divergindo umas de outras (proposições), em poucas palavras: uma proposição que contém significado não somente denota algo, como também define com rigor linguístico os objetos da realidade no mundo.

Para o filósofo vienense a proposição deve se restringir a uma afirmação positiva ou uma afirmação negativa, caso queira projetar uma realidade substancial no mundo, descrevendo-a e delimitando-a em seu contexto linguístico. E ao alcance de ser entendida pode-se de antemão saber o caso de sua verdade. Dessa maneira o sentido se tornará compreendido quando essa mesma proposição significativa, quando dotada de valor de verdade (seja ela verdadeira ou falsa), é uma apresentação ou figuração de uma configuração possível do mundo, ou seja, “sabemos que a situação existe, se a proposição for verdadeira”(MARQUES, 2005, p. 18). Embora seja apreendido o sentido

⁵ Distinto de transcendental.

Occursus

Revista de Filosofia

de uma proposição, não significa isto que é preciso determinar seu valor de verdade para que haja compreensão dela, mas sim em primeira instância deve-se haver compreensão da proposição, para posteriormente se poder verificar o valor de verdade (verdadeiro ou falso).

As figurações de proposições são constituídas de partes elementares que se conectam de algum modo, e essas mesmas partes figuram a realidade, sendo esta de alguma situação possível. O filósofo vai dizer que existem entre essas partes elementares coordenações, denominadas de afiguradoras, que as ligam aos objetos denotados, podendo dessa forma tocar a realidade. Contudo as situações não precisam ter estatuto de existência real para poderem descrever o mundo, oferecendo um sentido daquilo que denotam por meio de figurações. Quanto à função semântica da figuração, basta que esta mesma possua a mesma forma da realidade, por isso ele afirma que há possibilidade desta afigurá-la por que a possui em sua forma.

Para fixar semanticamente a relação das (a)figurações com os seus objetos denotados na realidade do mundo, Wittgenstein exige teoricamente que se pressuponha a existência de proposições elementares constituídas apenas de signos simples, não tendo elas dependência de outras proposições (complexas), sem paralelo com valor de verdade destas.

Para Wittgenstein, o sentido é determinado com a postulação do caráter de possibilidade dos signos simples. Ou seja, admiti-los é asseverar a existência de elementos linguísticos que funcionam única e exclusivamente como símbolos ou representantes no fenômeno linguístico, i. e., na linguagem das coisas reais no mundo. Enquanto os signos simples (ou nomes) tem função de designar as coisas da realidade, as proposições, através de configurações propositivas, descrevem os fatos, embora se saiba que Wittgenstein afirma uma forma lógica que dá condição ao sentido. O que é essa forma lógica, senão aquilo que abarca, portanto, as precondições mais gerais para a possibilidade da representação simbólica e, particularmente, a da representação linguística. Daí se entender que a lógica é uma condição do sentido. As proposições produzidas pela forma lógica retratam determinados fatos do mundo e a condição para que possam fazer é possuírem a mesma forma dos fatos que retratam, isto é, que a forma lógica seja a forma idêntica da realidade. Ora, por meio da linguagem, compreendemos o mundo; por meio da estrutura lógica da linguagem, podemos compreender a estrutura lógica do mundo; ou seja, a lógica, através da forma lógica, constitui-se no elo que liga a linguagem e o elemento externo da realidade: o mundo.

Semântica filosófica: diálogo entre Frege e Wittgenstein,
a partir das obras *Sobre o sentido e a referência* e *Tractatus*

No entanto é preciso atentar que, ao modo de Frege, Wittgenstein diferencia *sentido* e *significado*, enquanto o primeiro conecta-se à proposição, este se relaciona com o signo simples. Dessa forma é garantida a existência dos objetos para que se possa então assegurar a função semântica dos nomes. E como bem diz Marques (2005): “dessa distinção das funções semânticas exercidas por nomes e pelos signos proposicionais depende toda a teoria tractariana da significação linguística”.

Considerações Finais

Nota-se que Frege admitia a subsistência de entidades intermediárias às palavras e os objetos, que são explicitadas linguisticamente por expressões denotativas, para explicar o valor informativo de proposições de identidade. Para evitar o problema que se levanta com o diferente caráter informativo de duas afirmações de identidade que contenham termos coreferenciais, Frege distingue o referente (*Bedeutung*) de um nome do seu sentido (*Sinn*). O sentido de um termo contém o modo de apresentação da sua referência. E o terceiro elemento dessa distinção teórica seria a ideia ou representação que seria a particularidade subjetiva do sujeito em relação ao sentido de um objeto, i. e., o objeto terá variadas representações ao seu sentido conforme a mentalidade significativa do sujeito. Já Wittgenstein mostrou na sua teoria no *TLP* que a relação entre a sentença e o estado de coisas é uma função tanto do que no mundo pode ser fato, como do que na proposição pode ser formulado como descrição ou asserção de tal fato. Daí há uma correspondência entre linguagem e realidade como condição para a compreensão do significado.

Referências bibliográficas

CARMO, Juliano S. do. *Linguagem e realidade no Tractatus Logico-philosophicus*, Porto Alegre, 2009. (Dissertação extraída da biblioteca virtual da PUCRS)

COSTA, C. F. *Wittgenstein: a semântica implícita*. Rio de Janeiro: O que nos faz pensar, Nº 5, Novembro, 1991.

FILHO, Abílio Rodrigues. *Frege e a filosofia da linguagem*. 2008. Disponível em <http://www.ufsj.edu.br/portal2repositorio/File/vertentes/Vertentes_33/abilio_rodrigues.pdf> acesso em: 01.03.2016

FILHO, Raul F. Landim; *Sentido e Verdade no Tractatus de L. Wittgenstein*. Conferência realizada na UNICAMP no Encontro de Filosofia das Ciências em novembro, 1979. Disponível em <file:///C:/Users/francisco%20jos%C3%A9/Downloads/2156-7916-1-PB.pdf> acesso em: 01.03.2016

FREGE, Gottlob. *Lógica e filosofia da linguagem*. Tradução: Paulo Alcoforado. São Paulo: editora da USP, 2009.

GIAROLO, Kariel Antonio; *Frege, Grice e o conceito de significado*. Disponível em http://www.academia.edu/3669467/Frege_Grice_e_o_Conceito_de_Significado acesso em: 01.03.2016

MARQUES, Edgar; *Wittgenstein & o Tractatus*. Rio de Janeiro: editora Zahar, 2005.

MIGUENS, Sofia. *Filosofia da linguagem: uma introdução*. Editora: FLUP, Porto, 2007

MOREIRA, Jorge Henrique Lima. *Sentido nas perspectivas de Frege e de Wittgenstein*. Revista Entre-palavras, v. 1, p. 117-128, 2011

MORENO, Arley R.; *Wittgenstein: os labirintos da linguagem*. São Paulo: editora da Universidade de Campinas, 2000.

OLIVEIRA, Manfredo A. de; *Reviravolta Linguístico-pragmática na filosofia contemporânea*. São Paulo: editora Loyola, 1996.

PEARS, David; *As ideias de Wittgenstein*. Tradução: Silveira da Mota e Leônidas Hegenberg. São Paulo: editora Cultrix, 1973.

PINTO, Paulo Roberto Margutti; *O Tractatus de Wittgenstein como obra de iniciação*, Minas Gerais: revista Filosofia Unisinos, vol. 5, nº 8, 2004, p. 81-104.

WITTGENSTEIN, L. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Tradução: Luiz Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: Edusp, 2010.